

Marieli Machiavelli

**SIGNIFICADOS DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE PARA
A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E A PASTORAL
DA JUVENTUDE**

Trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais. Orientação de: Prof. Dr. José Pedro Simões Neto.

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Machiavelli, Marieli Machiavelli Significados da Campanha da Fraternidade
para a Renovação Carismática Católica e a Pastoral da Juventude /
Marieli Machiavelli Machiavelli ; orientador, José Pedro Simões Neto Simões
- Florianópolis, SC, 2016. 55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências
Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. Teologia da Libertação. 3. Pastoral da Juventude. 4.
Renovação Carismática Católica. I. Simões, José Pedro Simões Neto. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III.
Título.

Marieli Machiavelli

**SIGNIFICADOS DAS CAMPANHAS DA FRATERNIDADE
PARA A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E A
PASTORAL DA JUVENTUDE**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel, e aprovado em sua forma final pelo Programa de Graduação em Ciências Sociais com nota _____.

Florianópolis, 19 de julho de 2016.

Prof. Dr. Tiago Bahia Losso
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Pedro Simões Neto
Orientador

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sell
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Alan Mocellin
Membro da Banca Examinadora

Dedico este trabalho aqueles que foram embora cedo demais, mas que sempre estarão em meu coração, Andreza de Oliveira Cadorin e Gian Carlo Cipriani.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à minha família que esteve presente em todos os momentos de desenvolvimento desse trabalho e de minha graduação. Aos meus pais, Sandro Alberto Machiavelli e Marli Pereira dos Santos Machiavelli, que são figuras que tenho como exemplo e que fizeram diversos sacrifícios para que eu pudesse fazer uma faculdade e finalmente me formar. Agradeço aos meus irmãos, Maxuel Machiavelli e Marcel Machiavelli, que compartilham meu sangue e que mais que isso são amigos que sempre poderei contar.

Agradeço, ao meu orientador Professor Jose Pedro Simões Neto, por ter aceitado participar e me orientar nesse trabalho. Agradeço ao Professor Carlos Eduardo Sell, que ajudou a completar esse trabalho e que por muitas vezes foi um amigo ao qual eu podia recorrer em momentos de dúvida.

Agradeço, meus amigos que sempre estão prontos a ajudar e oferecer uma palavra de conforto, Aline, Guilherme, Gustavo, Helena, Izabela, Júlia, Karina, Melien, Mariene, Renata e Yukari, tenham certeza que sem vocês isso não seria possível.

Agradeço, a minha afilhada Maria Cecília que é meu sol em momentos de escuridão, minha maior alegria de vida, aos meus tios Vitor e Morgana por terem me dado esse privilégio de ser sua madrinha

Agradeço, a Paróquia da cidade de Nova Trento, pela disponibilidade e empréstimo de matérias para este trabalho.

“Claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas por que isto significaria que não é real? ”
(ROWLING, 2007)

RESUMO

Ao refletir sobre o significado que a Pastoral da Juventude e a Renovação Carismática Católica conferem a Campanha Fraternidade, foram desenvolvidas as seguintes perguntas: Como o Concílio do Vaticano II influenciou mudanças no interior da Igreja Católica? Quais são as diferenças de concepção para a PJ e a RCC enquanto a participação do jovem nesse meio? No primeiro capítulo apresenta-se as duas tendências da Igreja, a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica, explicando como cada corrente se desenvolveu. No segundo capítulo, analisa-se o que é a Campanha da Fraternidade, sua área de atuação e o desenvolvimento da Campanha da Fraternidade do ano de 2013 que teve o jovem em sua centralidade. No terceiro capítulo, aborda-se a Renovação Carismática Católica e a Pastoral da Juventude, que possui influência da Teologia da Libertação, como as duas tendências entendem a Campanha da Fraternidade e quais são os pontos que divergem entre si. Ao distinguir os diferentes modelos de atuação de cada uma, consegue-se identificar o significado que as duas atribuem a Campanha da Fraternidade.

Palavras-chave: Teologia da libertação; Pastoral da Juventude; Renovação Carismática Católica.

ABSTRACT

Reflecting about the meaning that the Youth Ministry (YM) and the Catholic Charismatic Renewal (CCR) grant to the Fraternity Campaign, allowed the development of the following questions: How does the Vatican Council II influenced changes inside the Catholic Church? What are the differences in the conception for the YM and the CCR about the youth participation in this medium? In the first chapter we present two tendencies of the Church, the Liberty Theology and the Catholic Charismatic Renewal, explaining how each chain has developed. In the second chapter, we analyse what is the Fraternity Campaign, its field of work and the development of the Fraternity Campaign in the year of 2013, which was centered in the youth. In the third chapter, we approach the Catholic Charismatic Renewal and the Youth Ministry, which have the Liberty Theology influence, since both tendencies comprehend the Fraternity Campaign and the divergent point between them. By distinguishing the different models of actig of each of them, we are able to identify the meaning that they give to the Fraternity Campaign.

Keywords: Liberty Theology, Youth Ministry, Catholic Charismatic Renewal.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Campanhas da Fraternidade 1º fase.....	34
Tabela 2. Campanhas da Fraternidade 2º fase.....	35
Tabela 3. Campanhas da Fraternidade 3º fase.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IC: Igreja Católica

CF: Campanha da Fraternidade

JAC: Juventude Agrária Católica

JEC: Juventude Estudantil Católica

JOC: Juventude Operária Católica

JUC: Juventude Universitária Católica

PJ: Pastoral da Juventude

SUMÁRIO

Introdução	21
I. Teologia da libertação X Renovação Carismática Católica.....	24
1.1 Teologia da Libertação.....	24
1.2. Teologia da Libertação e o Marxismo	27
1.3 Renovação Carismática Católica	29
II. Campanhas da Fraternidade	33
2.1. Campanhas da Fraternidade e sua história.....	33
2.2. Campanha da Fraternidade ano de 2013	37
III. Pastoral da Juventude X Renovação Carismática Católica	42
3.1. Pastoral da Juventude.....	42
3.2 Críticas as abordagens da CF feitas pela RCC e PJ	45
Considerações finais.....	50
Referências.....	53

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica Apostólica Romana (IC) teve grande influência no contexto social, cultural e político no Brasil. Nossa história é ligada intimamente a essa instituição, desde a colonização até os dias atuais. A IC seguiu diferentes tendências ao longo de sua trajetória e foram necessárias mudanças para que ela pudesse se adequar ao momento histórico de cada período. A Igreja em seus mais de dois mil anos de história, teve seus ensinamentos tradicionais modificados para que se abrisse espaço para outras tendências, como a da Renovação Carismática Católica (RCC) e a Teologia da Libertação (TL).

Em nosso país essas mudanças também foram sentidas, mas em virtude do longo período de análise, e levando em consideração a base de pesquisa utilizada em meu trabalho, utilizarei duas tendências da IC, a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica. Escolho essas duas tendências da IC pela importância que as duas tiveram em determinados períodos. Tanto a TL quanto a RCC surgem após o Concílio do Vaticano II. O Concílio Vaticano II foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal "Humanae salutis", pelo Papa João XXIII. Este mesmo Papa inaugurou-o no dia 11 de outubro de 1962. O Concílio, realizado em quatro sessões, só terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI. O principal objetivo do Concílio era: discutir a ação da Igreja nos tempos atuais, ou seja, a sua finalidade é "promover o incremento da fé católica e uma saudável renovação dos costumes do povo cristão, e adaptar a disciplina eclesiástica às condições do nosso tempo" e do mundo moderno. (Bula *Humanae Salutis*, Papa João XVIII).

Entre as decisões mais importantes feitas nesse Concílio, destaca-se as renovações na constituição e na pastoral da Igreja, que passou a ser mais alicerçada na igual dignidade de todos os fiéis e a ser mais virada e aberta para o mundo. Além disso, reformou-se também a Liturgia, onde a missa de rito romano foi simplificada e passou a ser celebrada em língua vernácula.

A TL (1968) parte da premissa de auxílio preferencial aos pobres, a teologia para concretizar essa missão utiliza também as ciências sociais. Essa tendência da IC surge em um momento onde a realidade dos fiéis passa a ser observada pelos membros do clero da Igreja. Teve sua maior força concentrada na América Latina, os regimes ditatoriais fizeram que essa tendência surgisse como um contraponto a

esses governos. A opção preferencial pelos pobres era sua premissa, mas o interior do movimento era politizado e a liberdade do povo também fazia parte de sua luta.

A RCC (1967) que também surge após o Concílio do Vaticano II, tem sua premissa pautada na igual dignidade dos fiéis, mas se diferencia da TL. A RCC faz uma renovação litúrgica e bíblica e facilita a participação dos leigos em seus ritos. No entanto o principal elemento dessa tendência é a proposta de lidar com o lado espiritual do fiel, oferecer a ele o "Espírito Santo", uma forma de contato com Deus mais individual, totalmente diferente da TL, que faz a proposta de uma renovação teológica com a participação das ciências sociais e um modelo de ação coletivo.

Sendo assim, é possível estabelecer através da TL, que foi uma tendência que teve seu auge em um período onde diversos governos da América Latina estavam sob comando de regimes ditatoriais, décadas de 70 e 80 e a RCC que começou a ter maior força na década de 90 um paralelo. Suas diferentes abordagens tornam possível analisar o significado das CF para estes dois modelos de pensamento que tiveram importância em períodos distintos, mas que ainda hoje possuem sua importância dentro da Igreja.

As Campanhas da Fraternidade são realizadas anualmente desde do ano de 1964. O objetivo estabelecido pela IC é o de despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução. A cada ano é escolhido um tema, que define a realidade concreta a ser transformada, e um lema, que explícita em que direção se busca a transformação. Levando em conta a quantidade de campanhas que foram realizadas optei por fazer um recorte que se encaixasse em meu trabalho, possibilitando uma análise mais detalhada. O ano da CF escolhida para ser analisado é o de 2013 que teve como tema: Fraternidade e Juventude e lema: "Eis-me aqui envia-me". A escolha desse ano para análise visa demonstrar através da juventude, uma potência transformadora, como a IC busca se adaptar aos novos panoramas da sociedade, e sua luta para manter os jovens presentes dentro de sua instituição.

Uma das estratégias estabelecidas pela Igreja para atrair o jovem é a Pastoral da Juventude (1973), um movimento que começa a ter sua articulação após os anos da ditadura militar e é encabeçado por jovens. Sua articulação é pautada na realidade do jovem e o método "ver, julgar e agir", também um método adotado pela TL. Este método consiste em:

Ver: observar o que se passa à nossa volta: acontecimentos, casos, atitudes nossas ou de outros e a partir dessa observação tentar descobrir as causas e consequências dos fenômenos

Julgar: confrontamos a realidade observada com os valores do Evangelho; os Direitos Humanos e a Doutrina Social da Igreja

Agir: organizar-se com outros jovens em pequenas e sucessivas ações nos locais de trabalho, escola, bairro; ou então participar de grandes iniciativas para buscar soluções para um problema que aflige muitos (CNBB, 1983)

A PJ como definição, é um movimento constituído por jovens e que nesse trabalho irá ajudar a compreender o papel que a juventude possui dentro da Igreja e como a PJ que tem a influência da TL observa as Campanhas da Fraternidade.

A escolha do tema para este trabalho parte de uma escolha sociológica, já que a religião é um tema recorrente e de extrema importância dentro das ciências sociais, mas também de um interesse pessoal pelo assunto. Pertencço a uma família onde os valores da IC são extremamente presentes, além disso passei a minha adolescência em uma pequena cidade de Santa Catarina chamada Nova Trento, que é nacionalmente conhecida por ser a cidade da primeira santa brasileira, Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus. Essa pequena cidade de 13,000 habitantes, onde a tradição católica é muito forte, foi onde residi por vários anos. Nasceu ali meu interesse pela religião, mais do que celebrações, ritos, doutrinas, vi na Igreja um mundo que precisava ser explorado, este trabalho deu-me a chance de fazê-lo, mesmo sendo um pequeno recorte do grande objeto de estudo que a Igreja Católica é, sinto-me feliz por poder estudar algo que foi e ainda é presente em minha vida.

Objetivo geral

- Analisar as disputas entre a Pastoral da Juventude e a Renovação Carismática Católica em torno do significado da Campanha da Fraternidade de 2013

Objetivos específicos

- Analisar as mudanças ocorridas no interior da IC após o Concílio do Vaticano II.
- Utilizar a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica como indicadores que nos permitem compreender as

mudanças internas na IC do Brasil após o Concílio do Vaticano II.

- Identificar a concepção da PJ e da RCC a respeito do trabalho com os jovens

O presente trabalho é configurado no plano de debate teórico, a metodologia utilizada no mesmo é de análise teórico/documental. Para atingir os objetivos citados, irá ter a seguinte organização: O primeiro capítulo abordará as duas principais tendências que utilizarei para explorar o significado das Campanhas da Fraternidade, a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica. Farei um breve apanhado histórico para posteriormente apresentar os modelos defendidos por cada uma delas. No segundo capítulo abordarei as Campanhas da Fraternidade, com ênfase na Campanha da Fraternidade do ano de 2013, que teve como tema “Fraternidade e Juventude”, apresentarei seu histórico e uma análise da aplicação do manual da campanha do ano 2013. O terceiro capítulo será composto de uma análise da Pastoral da Juventude em contraponto a Renovação Carismática Católica, como a Teologia da Libertação influenciou a Pastoral da Juventude e as críticas que são feitas a esse modelo. Por fim, farei um resumo de todo o trabalho e as conclusões que cheguei através do mesmo.

I. TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO X RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

No presente capítulo abordar-se a germinação da Teologia da Libertação e da Renovação Carismática Católica, como as duas se desenvolveram e quais são suas abordagens sobre projetos de ação da IC.

1.1 Teologia da Libertação

A TL é uma importante corrente de pensamento e neste trabalho será utilizada como um instrumento para compreender a Campanha da Fraternidade do ano de 2013, assim como a influência que está tendência teve sobre a Pastoral da Juventude.

No decorrer do século XX as preocupações com os problemas sociais tiveram interesse interno da Igreja Católica. Desde a separação da Igreja do Estado, com proclamação da República em 1889, os movimentos messiânicos, a falta de padres e o crescimento de outras crenças religiosas, entre outras questões, contribuíram para uma reorganização da estrutura da Igreja Católica no Brasil. Mas foi a partir da década de 60 que dois acontecimentos importantes influenciaram um maior contato do clero católico com a população desfavorecida: O Concílio Vaticano II e o Golpe Militar de 1964.

Essa tendência foi criando força, e se posicionando firmemente contra os problemas socioeconômicos que assolavam o país. Com o regime autoritário instalado no país aqueles membros do clero que se posicionavam a favor das minorias e contra o tipo de governo vigente passaram a ser duramente perseguidos. Os religiosos que lutavam pelas questões sociais ganhavam força dentro do terreno religioso e político.

Foi nesse contexto do aumento do envolvimento da Igreja Católica com a realidade de seus fiéis, no processo de agionamento em relação ao secular, com o agravamento das questões sociais na América Latina e o surgimento dos opressivos regimes militares na América Latina que se organizou dentro da Igreja Católica o movimento da Teologia da Libertação. O envolvimento pastoral com a questão social já vinha se organizando em boa parte do mundo católico mesmo dentro da doutrina social da Igreja, mas em 1968 durante a Conferência de Medellín (II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano) esse envolvimento ficou mais sistematizado com uma diretriz básica: a opção preferencial pelos pobres. (CAMILLO, 2011).

O período onde a TL teve seu início é marcado por movimentos de abafamento de minorias, além dos militares que viam essa teologia como uma subversão, alguns setores da própria IC não viam com “bons olhos” o surgimento deste modelo. Sendo duramente atacada no seu período de germinação e não recebendo o apoio de um setor mais conservador, principalmente formado pelos tradicionalistas e modernizadores conservadores da Igreja, esperava-se que o movimento perdesse força, no entanto o que aconteceu foi exatamente o oposto.

Boff(1996) agrupa a história da Teologia da Libertação em quatro fases, a Primeira: gestação e gênese, a segunda difusão e crescimento, a terceira; consolidação e quarta: revisão e novo impulso. A primeira fase(1962 a 1968) teve como marco inicial o Concílio Vaticano II e o seu final é marcada pela II Conferência Episcopal Latino-Americano realizada na Colômbia em Medellín em 1968.

O Concílio Vaticano II pode ser visto como ponto de chegada de um longo processo, em que a fé procurava dar respostas aos desafios da época moderna[...].Na América Latina, o Concílio não funcionou apenas como ponto de chegada, mas também como ponto de partida de uma nova consciência de ser Igreja. De acordo com esta análise, a Igreja latino-americana realizou uma “recepção criativa” do Concílio à luz da realidade latino-americana, na perspectiva dos pobres a solidariedade como o homem de hoje torna-se solidariedade com os pobres, e a teologia que acompanha com reflexão este caminho é a teologia da libertação (GIBELLINI, 1998, p. 369-70).

Também em 1968 foi elaborado o primeiro esboço sobre esta nova teologia elaborado por Gustavo Gutiérrez e publicado em 1969 sob o título de: *Hacia una teología de la liberación*.

A segunda fase(1968 a 1975) é marcada pela expansão da teologia para outros campos.

Um sinal de expansão foi a colaboração clandestina na Conferência de Puebla. Por outro lado, foi um tempo de defensiva: a teologia da libertação não era mais a ideologia dos vencedores e sim dos vencidos, era uma ideologia de resistência. Ao entrar no movimento, Leonardo Boff marcou a diferença, anunciando o tema do cativo. Sendo doravante movimento de resistência a teologia da libertação buscou formas de associação com as outras resistências e suas teologias, a teologia negra, indígena e a feminista (SUSIN, 2000, p. 186)

Movimentos de minorias começam a ter representação dentro da teologia, já que seu principal objetivo era o auxílio aos desfavorecidos. Como citado por Boff:

[...]devemos assumir a perspectiva das vítimas, em primeiro lugar, por uma questão de justiça. Os ameríndios e afro-americanos nunca puderam ser ouvidos. A cultura europeia bem como as Igrejas missionárias andaram por um caminho de mão única durante cinco séculos. Agora é hora e a vez de ouvir o reverso da conquista. Dar a vez ao discurso dos que viviam neste continente já há séculos e que estavam na praia espreitando os seres estranhos das caravelas. Em segundo lugar, porque se trata de uma questão ética. A chegada dos europeus significou violência. O desenvolvimento autônomo das culturas aqui presentes foi interrompido abruptamente. De autônomas passaram a dependentes e subjugadas. (BOFF, 1992, p. 59).

O terceiro período(1979 a 1989) é marcado pela Terceira Conferência do Episcopado – Latino Americano que ocorreu em Puebla em 1979, teve como proposta o tema: “A Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. Os bispos atentam para o fenômeno da desigualdade e da injustiça na América Latina, que gerava uma situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos, fato visto como escândalo e contradição com o ser cristão. A opção preferencial pelos pobres apontada por Puebla, na trilha de Medellín, exigida pela escandalosa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina, deve levar a estabelecer uma convivência humana digna e a construir uma sociedade justa e livre. Segundo Boff nos documentos de Puebla existia uma Teologia Pastoral que teria como característica o método “ver, julgar e agir”, sua descrição é mais prática, possuía uma lógica de ação concreta, profética e propulsora.

O quarto período(1989 aos dias atuais) é aquele definido como de revisão e novo impulso que tem seu início em 1989, época que a teologia começa a se preocupar com ecologia. Segundo Boff: a “deseestrutura o equilíbrio do planeta, ameaçado pelas sociedades contemporâneas e hoje mundializadas” (BOFF, 1996, p. 114). O crescimento econômico e industrial não visa a preservação da natureza, Boff chama atenção para a necessidade de uma relação fraterna entre homem e natureza, para que se preserve o meio onde vivemos.

Uma das hipóteses para explicar esse momento de revisão e impulso é o desmantelamento do bloco soviético e a queda do muro de Berlim. Este momento histórico é um marco e influencia uma corrente que tem uma grande aproximação com o marxismo. Sua sobrevivência

poderia ser garantida se acontecesse uma reestruturação que anexasse problemas que vinham sendo observados na sociedade, como a poluição do meio ambiente, não significava no entanto que o problema da pobreza havia sido resolvido mas que foi verificada a necessidade de abranger os horizontes para abarcar novos problemas sociais.

1.2. Teologia da Libertação e o Marxismo

A teologia da libertação corrente que teve seu início na década de 60 e teve maior força na América Latina já foi abordada por setores tradicionais da IC e pelo Estado como uma conspiração tática de marxistas, gramscianos ou lenistas, mas se tratou de uma mudança interna da própria Igreja, através de sua cultura e tradição. Mas porque um setor do clero e dos leigos cristãos começam a ter interesse por essa nova corrente, e porque a América Latina se destaca quando falamos da teologia da libertação?

O principal adversário romano da teologia da libertação o Papa Emérito Bento XVI, que escreveu o artigo “Algumas observações preliminares sobre a teologia da libertação”, ainda quando era cardeal, tenta esclarecer os fatores que tornaram possível o surgimento desta nova corrente de pensamento. Ratzinger cita três principais fatores.

- Após o Concílio, produziu-se uma situação teológica nova:
 - a) Surge a opinião que a tradição teológica existente até aquele momento não é mais capaz de atender as necessidades do momento. Deviam procurar a partir das escrituras, orientações teológicas e espirituais totalmente novas.
 - b) A ideia de abertura ao mundo e de compromisso no mundo transformou-se frequentemente em uma fé ingênua nas ciências, fé esta que acolheu as ciências humanas como seu novo evangelho. A psicologia, a sociologia e a interpretação marxista da história foram consideradas como cientificamente seguras e, a seguir, como instâncias não mais contestáveis do pensamento cristão.
 - c) Crítica a tradição por parte da exegese moderna.
- Ao final da fase de reconstrução após a II Guerra Mundial, que também coincidiu com o final do Concílio, produziu-se no mundo ocidental um vácuo de significado, onde a filosofia existencialista da época não estava em condições de oferecer essas respostas. Neste momento as ideias marxistas ofereceram um “novo ar”, um impulso moral que se tornou atrativo para a juventude.

O marxismo, com as acentuações religiosas de Bloch e as filosofias dotadas de rigor científico de Adorno, Horkheimer, Habermas e Marcuse, ofereceram modelos de ação com os quais alguns pensadores acreditavam poder responder ao desafio da miséria no mundo e, ao mesmo tempo, poder atualizar o sentido correto da mensagem bíblica. (RATZINGER,2007)

- Desafio moral da pobreza e da opressão não podiam mais ser ignorados. O mundo tinha sofrido várias transformações, Europa e América do Norte adquiriam uma opulência até então desconhecida, enquanto uma parcela da população se via na pobreza ou sendo oprimida por regimes ditatórias.

“A situação teológica e filosófica mudada convidava expressamente a buscar respostas sem um cristianismo que se deixasse regular pelos modelos da esperança, aparentemente fundados cientificamente, das filosofias marxistas.” (RATZINGER, 2007)

Ratzinger afirma que não se pode negar que esta teologia é sedutora, já que parece que ela responde os desafios da ciência e os desafios morais. Mas afirma: “[...]a fé cristã foi usada como um motor para esse movimento revolucionário, transformando-a em uma força política” (RATZINGER, 2007)

A teologia da libertação era um modelo de esperança para aqueles que não viam mais um sentido no que estava sendo passado pela Igreja, na América Latina como citado anteriormente. Este modelo ganhou maior força, existia um ambiente onde a pobreza era um problema social crescente e os regimes ditatoriais faziam com que o homem buscasse pela sua liberdade, fundamentos que encontramos na lógica marxista. Mas como aconteceu essa aproximação entre a doutrina da Igreja e os preceitos marxistas?

Michael Löwy em seu artigo “Marxismo e cristianismo na América Latina” cita um conceito elaborado por Max Weber para explicar essa aproximação, afinidade eletiva (*wahlverwandtschaft*).

A partir de certas analogias, de certas *afinidades*, de certas correspondências, duas figuras culturais podem - em determinadas circunstâncias históricas - entrar em uma relação de atração, de escolha, de seleção, de *eleição* mútua. Não se trata de um processo unilateral de influência, mas de um movimento dinâmico, ativo, de interação dialética,

conduzindo, em alguns casos, à simbiose ou mesmo fusão das duas estruturas significativas. A título de hipótese, se poderia tentar circunscrever algumas destas áreas de afinidade ou correspondência entre cristianismo e socialismo. (LÖWY, 1989)

Apesar de existir uma diferença entre o socialismo e o marxismo, essa ideia de afinidade é presente entre o marxismo e a TL, a aproximação dos desejos dessas duas correntes fazem com que seja possível estabelecer essa afinidade. Esse movimento fez com que a TL enxergasse nas idéias marxistas uma possibilidade para atingir os objetivos estabelecidos pelo grupo, desta forma a relação é estabelecida e consolidada.

1.3. Renovação Carismática Católica

A análise do catolicismo mostra que existe diferentes vertentes dentro Igreja Católica no Brasil. Michael Löwy(2000), a partir dos estudos de Gramsci(2001), utiliza o termo “tendência” para descrever as diferenças existentes no catolicismo: tradicionalistas, modernizadores conservadores, reformistas e radicais. O autor identifica essas tendências a partir das relações sociais, principalmente as relações dos católicos com as várias formas de poder presentes na sociedade. Deste modo é possível elencar as tendências do catolicismo no Brasil da seguinte forma: Tradicionalistas: compostas pelos movimentos Opus Dei, Tradição Família e Propriedade e Arautos do Evangelho; Modernizadores conservadores: setor no qual se insere o Movimento de Renovação Carismática Católica; Reformistas: no qual predominam as congregações que trabalham diretamente com educação como, por exemplo, os salesianos e maristas; Radicais: composta pelos setores ligados à Teologia da Libertação como as CEB's, Pastorais Sociais, Pastorais da Juventude. As formulações dessas classificações são necessárias para que se possa entender o lugar da RCC e da TL dentro do contexto eclesial e social do catolicismo brasileiro.

A RCC surgiu nos Estados Unidos nos meados da década de 60, em um retiro espiritual realizado na Universidade de Duquense, Pittsburgh em fevereiro de 1967. Segundo um dos fundadores Kevin Ranaghan, “o fim de semana em Duquense, como viria a ser chamado, foi certamente um dos notáveis acontecimentos na história do movimento pentecostal do mundo”. (RANAGHAN; 1972, p. 201).

Esse movimento teve influência em grande parte por causa do Concílio do Vaticano II. A RCC surge nesse contexto, onde a Igreja

deseja uma renovação litúrgica e bíblica e a participação do leigo em seus ritos. A RCC foi um dos movimentos que mais atraiu adeptos após o Concílio, essa vertente oferece a proposta de lidar com o lado espiritual do fiel, oferecer a ela o "Espírito Santo", uma forma de contato com Deus mais individual, um marco para história do catolicismo. Surge e ganha maior força na década de 90, justamente no momento que a TL começa a perder força. A abertura da Igreja aos leigos, a leitura da bíblia e a simplificação dos ritos fizeram com que uma parte da população se sentisse atraída por essa tendência. O batismo do Espírito Santo reanimava a fé individual e tinha uma enorme potência evangelizadora segundo a IC.

Nessa tendência da IC os "carismas" são uns dos elementos centrais da RCC. Os carismas também chamados dons do Espírito Santo, segundo o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, são dons especiais do espírito, concedidos a alguém para o bem dos homens, para as necessidades do mundo e, em particular, para a edificação da Igreja.

No novo testamento são citados nove dons do Espírito Santo: palavra de sabedoria, palavra de conhecimento (ciência), fé, dom da cura, operações de milagres, profecia, discernimento de espíritos, variedade de línguas e interpretação de línguas. (I Coríntios cap12 ,versículos 8, 9 e 10)

Como citado anteriormente a RCC tem uma boa aceitação, mas existem aqueles que fazem críticas a essa tendência e justificam-nas no uso excessivo dos carismas, já que muitos ritos da RCC podem ser confundidos com cultos Igrejas Cristãs Protestantes. No entanto, existe a diferença que os ritos carismáticos são subordinados aos bispos e ao papa, assim se mantém a hierarquia da IC e também existe a adoração a Virgem Maria, o que no protestantismo não existe, já que não há adoração de santos.

O sociólogo Reginaldo Prandi(1998) analisa a renovação carismática como um movimento de leigos que ocorre no interior da religião católica, destacando-se com expressivo número de fiéis neste final de milênio. Primeiramente teve a adesão da classe intelectualizada, posteriormente chamou atenção das classes sociais média e alta, mas sua expansão arrebatou outros grupos sociais, sendo possível ver em suas reuniões um diversificado número de pessoas, seja de faixa etárias diferentes, seja de níveis socioeconômicos.

Esse “pentecostalismo” católico que se caracteriza pela ênfase especial em uma experiência direta e pessoal de Deus através do batismo

no Espírito Santo, atrai os fiéis para a IC, nas palavras de Carranza(2009), através de mecanismos mais populares.” A proposta passou a ser a de atrair os fiéis católicos distanciados do seio eclesial com música, oração, teatro, lazer, shows e encontros” (Carranza, 2009, p. 34), e promover uma reviravolta espiritual começando por dentro do catolicismo. Tratou de consolidar sua ruptura com sua raiz pentecostal, esboçando algumas diferenças cruciais como: a recitação do terço, a participação diária nas missas, a confissão frequente e, sobretudo, uma proximidade incondicional com a hierarquia, o que pode ter trazido benefícios para a RCC, de modo particular, a obediência ao papa. Em 1975, o Papa Paulo VI num encontro de lideranças carismáticas em Roma, reconhece a pujança e a força da RCC, pelo combate tenaz que realiza em favor da fé e da igreja católica num “mundo por demais secularizado” (PAULO VI apud CARRANZA, 2009, p. 35).

No Brasil a RCC teve seu início em 1969 através do Pe. Haroldo Rahm na Vila Brandina, Campinas – SP. Sua primeira raiz surgiu na experiência dos cursos de Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC), sendo que a segunda raiz se encontrou nos Cursinhos de Crisandade. Junto com Pe. Haroldo, Pe. Edward John Dougherty deu à RCC o impulso necessário para seu crescimento. O livro "Sereis Batizado no Espírito Santo" representou uma alavanca para a difusão do movimento e significou a legitimação da RCC no Brasil. No início, o movimento espalhou-se através de um sistema de difusão espontânea. Porém, hoje essa difusão espontânea não parece ser mais fundamental para a sobrevivência do movimento, sendo que existe um esquema promocional de marketing comandado por um sistema de comunicação bem organizado que difunde a RCC através de programas de rádio, TV, jornais, internet, etc.

A mídia hoje é um dos principais instrumentos que agregam os fiéis em torno da RCC, o Pe. Marcelo Rossi que teve um enorme sucesso nos anos 90, e é da RCC é um exemplo da força que a mídia pode ter nesse movimento. O padre é o maior fenômeno artístico cristão da América Latina com mais de 11 milhões de CDs vendidos ao longo de sua carreira. Sua postura diante dos fiéis da IC fazia com que houvesse uma grande demanda na presença das missas ministradas pelo padre, além dos cds, o padre lançou DVDs, livros e fez até aparições em filmes.

Essa aproximação com o público leigo, que passa a se sentir integrado nos ritos da IC é um dos fenômenos que causa sua popularização. Hoje ainda podemos citar outros padres que vêm

ganhando a empatia dos fiéis. O Pe. Fábio de Melo é um fenômeno de vendas e é ativo nas redes sociais, o que tem um grande alcance principalmente no público jovem. Outro padre que tem alcançado fama entre os fiéis e principalmente o público jovem é o Pe. Alessandro Campos, que possui um programa de televisivo em um canal da IC, o padre sertanejo como é chamado, em seu programa canta músicas *sacrocaipiras* que vem conquistando um grande público. Vendeu 900 mil cds, e sua popularidade não para de subir. Não há dúvida do poder da mídia na aproximação dos fiéis da IC, mas junto com isso vem as críticas feitas a esse tipo de "artista sacro". Outras tendências da IC criticam essa popularização dos ritos da Igreja, e mesmo dentro da RCC há aqueles que dizem que a imagem desses padres não pode ser maior do que a hierarquia da IC, e que o foco da RCC deve ser o Espírito Santo, não as manifestações midiáticas.

A RCC como uma importante tendência dentro da IC influencia projetos de ação da Igreja, entre eles podemos citar a Campanha da Fraternidade. As campanhas fazem parte de um conjunto de ações que são coordenadas pela Igreja, no próximo capítulo abordarei com maior detalhes essa relação entre a CF e a RCC.

II.CAMPANHAS DA FRATERNIDADE

Neste capítulo analisa-se a criação das Campanhas da Fraternidade. Como este projeto desenvolve-se e quais são os pontos que aproximam a CF das tendências da Renovação Carismática Católica, Teologia da Libertação e o grupo da Pastoral da Juventude.

2.1 Campanhas da Fraternidade e sua história

As Campanhas da Fraternidade são campanhas realizadas anualmente pela Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, sempre no período da quaresma. Seu objetivo é despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução. A cada ano é escolhido um tema, que define a realidade concreta, segundo a IC, a ser transformada, e um lema, que explicita em que direção se busca a transformação. A campanha é coordenada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

O projeto intitulado Campanha da Fraternidade teve seu início em 1962, no Rio Grande do Norte. Foi realizada uma campanha para arrecadar fundos para atividades assistenciais, sendo intitulada Campanha da Fraternidade. No ano seguinte, dezesseis dioceses do nordeste realizaram a campanha, apesar de ter dito um baixo êxito financeiro, a iniciativa serviu para o começo de um projeto anual realizado pelos organismos nacionais da CNBB. No princípio a campanha teve destacada atuação do secretariado nacional da ação social da CNBB, sob cuja dependência estava a *Caritas* Brasileira, que foi fundada no Brasil em 1957.

O Concílio Vaticano II também teve grande importância para a criação da Campanha da Fraternidade nacional. Durante o Concílio, os Bispos do Brasil estiveram juntos, e ouvindo o relato da Campanha da Fraternidade no Nordeste, chegou-se à conclusão que seria viável um projeto nacional. Em 1963 foi enviada a carta ao Secretário Geral da CNBB, comunicando que a Campanha da Fraternidade de 1964 seria de âmbito nacional. O tema seria “Lembre-se: você também é Igreja”.

A campanha teve sua consolidação em 1971, quando se realizou o encontro Nacional da Campanha da Fraternidade, foi estabelecida como “Campanha Institucional” da CNBB sob responsabilidade do Secretário Geral e de sua equipe intersetorial. Nos dias atuais todas as dioceses no

Brasil participam da Campanha da Fraternidade. A definição de Campanha da Fraternidade para a CNBB:

A CF é uma campanha, porque se realiza num período determinado, com atividades específicas de formação de consciência e mobilização da caridade dos fiéis. Fraternidade, porque é a forma mais completa de amor ao próximo. Visava-se, assim, despertar a caridade dos fiéis para o atendimento das pessoas atingidas por catástrofes, em situações de emergência e urgência, pobreza absoluta. Escolheu-se o tempo da quaresma como meio de melhor viver esse período e, sobretudo, de colocar em prática a vivência do Mistério da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo através da penitência e da conversão. (Manual da CF, 1994, p. 14)

As campanhas da fraternidade são divididas em três fases:

- primeira: em busca da renovação da IC;
- segunda: a IC preocupa-se com a realidade social do povo, denunciando o pecado social e promovendo a justiça;
- terceira: a IC volta-se para situações existências do povo brasileiro.

Primeira Fase: Em busca da Renovação da Igreja

Tabela 1. Campanhas da Fraternidade 1º fase

Campanha da Fraternidade		
Ano	Tema	Lema
1964	Igreja em renovação	Lembre-se: Você também é Igreja
1965	Paróquia em renovação	Faça de sua paróquia uma comunidade de fé, culto e amor
1966	Fraternidade	Somos responsáveis uns pelos outros
1967	Co-responsabilidade	Somos todos iguais, somos todos irmãos
1968	Doação	Crer com as mãos!
1969	Descoberta	Para o outro, o próximo é você
1970	Participação	Ser cristão é participar
1971	Reconciliação	Reconciliar

1972	Serviço e Vocação	Descubra a felicidade de servir
------	-------------------	---------------------------------

Fonte: Manuais da CF, anos 1964 a 1962.

Segunda fase: A Igreja preocupa-se com a realidade social do povo, denunciando o pecado social e promovendo a justiça. Tabela 2. Campanhas da Fraternidade 2º fase

Campanha da Fraternidade		
Ano	Tema	Lema
1973	Fraternidade e libertação	O egoísmo escraviza, o amor liberta
1974	Reconstruir a casa	Onde está teu irmão?
1975	Fraternidade é repartir	Repartir o pão
1976	Fraternidade e comunidade	Caminhas juntos
1977	Fraternidade na família	Comece em sua casa
1978	Fraternidade no mundo do trabalho	Trabalho e justiça para todos
1979	Por um mundo mais humano	Preserve o que é de todos
1980	Fraternidade no mundo das migrações, exigência da eucaristia	Para onde vais?
1981	Saúde e Fraternidade	Saúde para todos
1982	Educação e Fraternidade	A verdade vos libertará
1983	Fraternidade e violência	Fraternidade sim, violência não
1984	Fraternidade e vida	Para que todos tenham vida

Fonte: Manuais da CF, anos 1973 a 1984.

Terceira fase: A igreja volta-se para situações existenciais do povo brasileiro. Tabela 3. Campanhas da Fraternidade 3º fase

Campanha da fraternidade		
Ano	Tema	Lema
1985	Fraternidade e fome	Pão para quem tem fome
1986	Fraternidade e terra	Terra de Deus, terra de irmãos
1987	Fraternidade e o menor	Quem acolhe o menor, a mim acolhe
1988	Fraternidade e o negro	Ouvi o clamor deste povo!
1989	Fraternidade e a comunicação	Comunicação para a verdade e a paz
1990	Fraternidade e a mulher	Mulher e o homem: Imagem de Deus

1991	A fraternidade e o mundo do trabalho	Solidários na dignidade do trabalho
1992	Fraternidade e juventude	Juventude - caminho aberto
1993	Fraternidade e moradia	Onde moras?
1994	Educação e a família	A família, como vai?
1995	A fraternidade e os excluídos	Éras tu, senhor!?
1996	Fraternidade e a política	Justiça e paz se abraçarão
1997	A fraternidade e os encarcerados	Cristo liberta de todas as prisões
1998	Fraternidade e educação	A serviço da vida e da esperança
1999	Fraternidade e os desempregados	Sem trabalho...Por quê?
2000	Dignidade humana e paz (ecumênica)	Novo Milênio sem exclusões
2001	Fraternidade e as drogas	Vida sim, Drogas não
2002	Fraternidade e povos indígenas	Por uma terra sem males
2003	Fraternidade e pessoas idosas	Vida, dignidade e esperança
2004	Fraternidade e água	Água, fonte de vida
2005	Solidariedade e Paz (ecumênica)	Felizes os que promovem a paz
2006	Fraternidade e pessoas com deficiência	Levanta-te, vem para o meio!
2007	Fraternidade e Amazônia	Vida e missão neste chão
2008	Fraternidade e defesa da vida	Escolhe, pois, a vida
2009	Fraternidade e segurança pública	A paz é fruto da justiça
2010	Economia e vida (ecumênica)	Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro
2011	Fraternidade e a vida do planeta	A criação geme em dores de parto
2012	Fraternidade e saúde pública	Que a saúde se difunda sobre a terra!
2013	Fraternidade e juventude	Eis-me aqui, envia-me!
2014	Fraternidade e o tráfico humano	É para a liberdade que Cristo nos libertou
2015	Fraternidade: Igreja e sociedade	Eu vim para servir
2016	Casa Comum, nossa responsabilidade	“Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca” (Am 4,24)

Fonte: Manuais da CF, anos 1985 a 2016.

Como pode ser observado, há uma grande quantidade de temas da campanha da fraternidade, e como já foi citado na introdução desse

trabalho , foi decidido escolher um desses anos e trabalhar com ele para que fosse possível a análise. O ano escolhido foi o de 2013, que teve como lema: "Eis-me aqui, envia-me! (Isaías 6,8) e tema: Fraternidade e Juventude. Através da escolha deste ano visa-se demonstrar como a RCC e a PJ, influenciada pela TL, tem visões diferentes enquanto a CF. O tema “Fraternidade e Juventude” trás para o centro da discussão o jovem, um personagem que no senso comum acredita-se que carrega com ele “os ventos de mudança”. Apesar do senso comum não ser considerado para que um estudo seja validado, a sociologia vem demonstrando que o jovem por muitas vezes possui este poder de transformação, capacidade de transição entre diferentes grupos e até mesmo de afirmação de tradições. Sendo assim, a utilização do tema do ano de 2013 ajudará a apontar os objetivos estabelecidos neste trabalho.

2.2 Campanha da Fraternidade ano de 2013

Antes de fazer uma análise sociológica do tema dessa campanha é importante demonstrar o que a IC queria alcançar naquele ano. No manual da Campanha da Fraternidade organizado pela CNBB do ano de 2013 coloca como objetivo geral

“[...]acolher os jovens no contexto de mudanças de época, propiciando caminhos para seu protagonismo no seguimento de Jesus Cristo, na vivência eclesial e na construção de uma sociedade fraterna fundamentada na cultura da vida, da justiça e da paz.” (Manual da CF, 2013, p. 11).

Como citado anteriormente, a IC, desde o II Concílio, procura voltar-se para o fiel. Um dos objetivos que ela pretende alcançar nessa aproximação é que o jovem adentre na IC e participe de seus ritos. Os objetivos específicos desta campanha também são itens importantes de serem citados.

1. Propiciar aos jovens um encontro pessoal com Jesus Cristo a fim de contribuir para a sua vocação de discípulo missionário e para a elaboração de seu projeto pessoal de vida;
2. possibilitar aos jovens uma participação ativa na comunidade eclesial, que lhes seja apoio e sustento em sua caminhada, para que eles possam contribuir com seus dons e talentos.
3. sensibilizar os jovens para serem agentes transformadores da sociedade protagonistas da civilização do amor e do bem comum. (Manual da CF ano 2013, p. 11)

Pode-se perceber através dos objetivos propostos nessa campanha uma aproximação com a RCC. Os pontos como um “encontro

pessoal com Jesus Cristo”, “vocação de discípulo missionário”, “dons e talentos”, etc. São temas recorrentes dentro da RCC, como citado anteriormente.

Esta preocupação com o do afastamento do jovem da IC, é presente repetida vezes no manual do ano 2013, as mudanças na sociedade e alusão a um individualismo que faz com que o jovem se afaste dos preceitos de amor e fraternidade.

Nesse ambiente de individualismo, presenciamos a consolidação de uma afetividade autônoma e narcisista, notadamente nas novas gerações, que encontram dificuldade em manter relações permanentes e compromissadas e preferem relacionamento restrito ao encontro casual. Surge o paradoxo da presença comunitária sem vida comunitária. (Manual da CF, 2013, p. 16)

A observação feita neste ponto é que existe esse enfraquecimento dos laços comunitários, que levam a um afastamento do indivíduo da religião. Ponto este que não é novo nos estudos sociológicos. Max Weber em sua obra cita o conceito de Desencantamento do Mundo (desmagificação), um fenômeno que em resumo seria a retirada da “magia” do interior das religiões, essa magia seria substituída pela ciência e tecnologia. Assim, nas palavras do próprio Weber “O desencantamento do mundo: a eliminação da magia como meio de salvação.” (WEBER, 2004, p. 106)

Outro conceito abordado por Weber (2004) que se encaixa nesse panorama é o de secularização, Weber chama atenção para que a partir do século XIX houve um progressivo declínio na influência das instituições religiosas tradicionais, a secularização seria esse processo onde a religião perde a centralidade e influência nas mais variadas esferas sociais. Essa perda de influência causa a perda de fiéis e prestígio da Igreja.

Houve um tempo em que participar de congregações religiosas era algo que fazia com que o indivíduo estabelecesse os principais laços dentro de uma sociedade. Hoje ainda podemos perceber o estabelecimento de laços a partir da religião, mas a sociedade se modificou e com essas modificações passaram a surgir outras preocupações e anseios. Cada vez mais existe um anseio com a carreira profissional, realizações pessoais e desejos, desvinculados de preceitos religiosos

Os jovens estão na centralidade de assuntos polêmicos como a legalização do aborto, relações homoafetivas, discussões de gênero,

bandeiras são levantadas diariamente. Em contrapartida a Igreja vem tentando acompanhar essas mudanças sem perder seus antigos laços, as discussões são frequentes e a tentativa de encontrar uma junção entre esses diferentes pensamentos é difícil.

Os laços comunitários e sociais se fragilizaram diante do acento pessoal nas propostas de felicidade, realização e sucesso em detrimento do bem comum e da solidariedade, corroborando um estilo de vida individualista, fechado a atitudes de altruísmo e de fraternidade. Nesse contexto, a vida é negada ou ameaçada por várias razões formas de banalização e desrespeito: manipulação de embriões, abortos, ausência de condições mínimas para uma vida digna com educação, saúde, trabalho, moradia, falta de proteção à família, às crianças e idosos. (Manual da CF, 2013, p. 17)

A Igreja chama atenção para a banalização da vida, ao mesmo tempo que proclama sua defesa de velhos preceitos, como sua posição contra o aborto. Ela também aborda outros pontos que são de comum acordo entre diversas vertentes, os mínimos necessários para a subsistência humana. Dessa forma consegue também colocar em discussão problemas que atendem reivindicações daqueles que não consideram a religião como uma ferramenta para o melhoramento social. Pode-se também analisar a escolha deste tema para a campanha da fraternidade do ano de 2013 como uma tentativa da IC de utilizar a força do jovem em seus projetos de ação.

Grosso (2000) defende a ideia que a juventude atua como transformadora da ordem social. O autor afirma que a resistência a mudanças é maior em indivíduos adultos, já que seus quadros referenciais já estão formados. O jovem tem como referencial os adultos e por muitas vezes toma suas decisões a partir do referencial dos mesmos, mas também pode existir o conflito entre essas duas faixas etárias. Na juventude segundo Grosso é primeira vez que os indivíduos estão formulando suas experiências de forma consistente, ao mesmo tempo sendo utilizadas como experiência pessoal nas decisões cotidianas. A juventude que transita por vários meios, encontra vários referenciais, e julga aquele que mais se adapta a si mesmo. Essa capacidade do jovem de ressignificar “verdades absolutas”, pode afastar ele do tradicional ou até mesmo fazer com que ele o legitime, basta que ele se sinta integrado ao grupo.

Sabemos que os jovens são pessoas mais sensíveis e propensos às mudanças. Em geral, não são passivos, pois são agentes de renovação da Igreja e da sociedade. Atingido pelos fortes

aspectos da cultura emergente, pelas constantes transformações, pelo poder de comunicação dos meios eletrônico-digitais, pela exclusão social e pela violência, o meio juvenil é sempre o primeiro segmento da sociedade a absorver tantos os elementos bons quanto os elementos ruins dessas mudanças. Por intermédio da Igreja e pelos sinais dos tempos, Deus nos mostra a realidade juvenil atual, auxiliando-nos a descobrir nela o mistério que Ele nos quer revelar por meio do rosto jovem. Ele nos mostra a potencialidade inerente à juventude, bem como o que ainda está em desarmonia com a vida plena anunciada por Cristo. (Manual da CF2013, p. 48)

A IC percebe a capacidade do jovem em ser um transformador do meio e um indivíduo que ainda está criando seus referenciais. Quando a CNBB escolhe o tema a campanha de 2013 ela vai além dos ideais fraternos, ela visa a aproximação do jovem e com ele toda a força transformadora que é presente neste grupo. Mas como atrair esse jovem, como fazer com que ele se sinta integrado ao grupo religioso? Uma das respostas pode ser a RCC. O jovem, esse indivíduo que busca sua identificação com o grupo pode se sentir atraído pela RCC. A tendência de um contato individual com Deus que a RCC propõe segue um caminho parecido com o que é observado nos dias atuais, quando referente aos jovens e a religião, a juventude tem produzido ou reproduzido uma nova forma de entender o mundo e a religião, valorizando mais a experiência pessoal do que a relação institucional. Esse caminho mais estreito de contato com a divindade pode dar ao jovem a possibilidade de uma maior liberdade de interpretação do que esse Deus significa para ele.

Na sociedade brasileira onde a juventude transita por diferentes religiões e já não se sentem mais obrigados a seguir a religião de seus pais, existe uma briga, mesmo que não declarada, por aqueles “fiéis” que se afastam ou aqueles que ainda não definiram sua orientação religiosa. Diferentes estratégias são empregadas, a utilização de mídias é cada vez mais frequente, e agora é normal encontrar na IC setores que cuidam exclusivamente desses espaços midiáticos e imagem de Padres que se tornaram verdadeiras “celebridades”. A utilização de mídias também se aproxima da realidade do jovem, quando a IC apresenta Padres como o Pe. Fábio de Melo que tem um enorme apelo midiático, um padre que fala uma linguagem que atinge a juventude e que utiliza os meios de comunicação preferidos dessa faixa etária, como *Facebook*, *Snapchat*, *Twitter* e *Instagram*, faz com que seja possível esse estreitamento de laços,

uma comunicação direta e instantânea que faz com que seja possível o jovem ver na IC elementos comuns do seu dia a dia.

Declarações feitas pelo Papa Francisco também mostram essa preocupação com uma renovação da IC, e os indivíduos mais atingidos com essas declarações também são os jovens. Quando o Papa Francisco declarou "Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?" Ele quebra com uma tradição de séculos de afastar pessoas que tenham uma orientação sexual diferente. Essas pequenas mudanças chamam atenção dessa parcela da população que tem passado a ver relações homoafetivas com uma ótica diferente.

Segundo Hervieu-Léger (2000) um dos principais motivos para que as religiões se mantenham vivas é a sua capacidade de mudança para se adequar a novos tempos. Tais mudanças são diretamente ligadas a insatisfação da população jovem, que já não vê na tradição seguida pelos mais velhos respostas para seus anseios. Mais um ponto interessante de ser observado, é que nas religiões são as mudanças que são responsáveis pela continuação da tradição, portanto, elementos que são importantes e tradicionais dentro das doutrinas religiosas recebem novas abordagens que são consideradas modernas.

Assim sendo, podemos pensar a RCC como um movimento de "renovação" que resgata e preserva a tradição religiosa católica, sendo a Campanha da Fraternidade do ano 2013 um exemplo claro disso. O jovem como indivíduo capaz de modificar o mundo tutelado pela IC, se modificam as abordagens e se preserva a tradição.

III. PASTORAL DA JUVENTUDE X RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

O terceiro capítulo irá abordar o tema central deste trabalho, que é os diferentes olhares que a Pastoral da Juventude e a Renovação Carismática possuem sobre a Campanha da Fraternidade. Também será analisado a disputa interna que acontece entre elas quando se trata do papel do jovem

3.1 Pastoral da Juventude

Ao longo deste trabalho foram citadas diferentes tendências da IC, utilizou-se a Campanha da Fraternidade de 2013 para fazer uma ligação entre essas tendências e a juventude. Sendo assim, é importante apresentar a visão da Pastoral da Juventude (PJ), sobre a CF, e como suas abordagens se diferenciam da RCC. A Pastoral da Juventude como um grupo pertencente a IC, tem sua constituição ancorada na TL, por este motivo está presente nesse trabalho.

Os primeiros passos dados para a criação da PJ podem ser observados na ação católica de um projeto evangelizador reativo da IC frente a modernidade, esse modelo integra grupos como: Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Operária Católica (JOC) que eram grupos que se constituíram na década de 1950 Outro fator importante para a criação da PJ é o Concílio do Vaticano II.

Também contribuíram para a criação da PJ o ambiente progressista suscitado a partir do Concílio Vaticano II, espaço onde se forjou uma nova consciência de igreja-povo, valorizando a corresponsabilidade dos leigos e religiosos na missão evangelizadora da IC, as conferências do episcopado latino-americano de Medellín e Puebla, assumindo um discurso de opção preferencial pelos pobres, o fortalecimento das pastorais sociais ligadas à TL: CEBs, Pastoral da Terra (CPT), Pastoral do Índio (CIMI), Pastoral Operária, bem como as mobilizações da sociedade civil pela volta da democracia. Tais influências desenvolveram uma lógica de pastoral orgânica e pedagogia de estímulo às práticas transformadoras na IC e sociedade por meio do protagonismo juvenil. (FRAINER, pág. 73-74)

As primeiras articulações oficiais da PJ foram nos anos de 1973 e de 1976 a CNBB promoveu os 1º e 2º Encontros Nacionais de Pastoral

da Juventude. Participaram dessas reuniões lideranças de movimentos de encontros de jovens, essas primeiras reuniões tinham um caráter espiritualista, não focando na resolução de problemas sociais.

Em 1978, a CNBB promoveu o 3º Encontro Nacional de Pastoral da Juventude, que teve uma diferença qualitativa em relação aos anteriores, pois definiu os quatro princípios do que seria a Pastoral da Juventude no Brasil (PJB): Caráter orgânico, realidade dos jovens como ponto de partida, formação a partir de pequenos grupos de base e voltada para atingir a grande massa da juventude e adoção do ‘método ver, julgar e agir’.

O 4º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude foi realizado no ano de 1983, com a participação de representantes de todas as regiões do Brasil, no qual ocorreu a consolidação nacional da PJ. Esse encontro definiu três grupos de prioridades para o desenvolvimento da PJ: Especialização por classes sociais, formação integral e metodologia, articulação, organização e coordenação. A PJ passou a ser dirigida por jovens em todos os níveis: nacional, regional e diocesano, o que deu à PJ uma organicidade e uma relativa autonomia de outros setores da IC. Outras deliberações foram a de que os jovens de classe média deveriam também apoiar as causas dos mais pobres, organização por meios específicos, processo pedagógico de amadurecimento da consciência de classe e uma prática consequente.

Os encontros da PJ na década de 80 tinham como característica comum levar o jovem a seguir um modelo inspirado na TL, seus documentos e diretrizes eram formuladas a partir de conceitos da TL. O documento da CNBB nº 44 do ano de 1983 foi o documento base para atuação da PJB na década de 80, segundo este documento o papel do jovem era o de:

- Fomentar o senso crítico e capacidade de analisar a sociedade;
- Formar jovens para transformar as estruturas
- Ajudar o homem a ligar a sua fé com o compromisso socioeconômico;
- Levar o jovem a conhecer criticamente o marxismo, o capitalismo liberal e a Doutrina de Segurança Nacional para assumir o humanismo cristão como perspectiva para a superação das estruturas sociais injustas. (CNBB, 1983)

Os anos 90 exigiram modificações no projeto, a PJ precisou redefinir suas posições, com o enfraquecimento da TL e o fortalecimento de outras tendências como a RCC, foi necessária uma revisão na metodologia da PJ, principalmente quando referente ao processo de educação da fé. (Frainer, 2015).

No ano de 1993 foi realizada a 10ª Assembleia Nacional, que foi marcada pelo debate sobre organização do movimento. Foram discutidos a igual participação de pastorais nas instâncias da coordenação nacional. Este modelo foi aprovado na 11ª Assembleia Nacional no ano 1995, no qual foi aprovado a sigla PJB, que representa a PJ, PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular), PJR (Pastoral da Juventude Rural) e a PJE (Pastoral da Juventude Estudantil).

Os pilares da PJ são: Formação, ação, espiritualidade e articulação. Sua identidade é definida da seguinte forma:

1 – Somos Pastoral da Juventude organizada dentro da Igreja Católica, no Brasil, com linha e metodologia própria, aberta ao novo e com acolhimento dos anseios da juventude, garantindo o seu protagonismo, evangelizando de forma inculturada na realidade em que vivemos.

2 – Somos jovens felizes, apaixonados, ternos e motivados pela fé. Encaramos a vida com potencial criativo muito grande, valorizando a arte (dança, poesia, música...), o lazer, o corpo, o símbolo, a cultura, com ardor, sonhos e amor pela causa do Reino de Deus.

3 – Somos jovens das diversas realidades regionais do país, na maioria empobrecida e, a exemplo de Jesus Cristo e da Igreja da América Latina, fazemos opção pelos pobres e jovens. Encontramo-nos em grupos para partilhar e celebrar a vida, as lutas, os sofrimentos e cultivar a amizade baseada em uma formação integral e mística próprias.

4 – Somos grupos de jovens motivados pela fé, atuando dentro das comunidades eclesiais, a serviço da sua organização e animação.

5 – Atuamos, também, na sociedade, inseridos nos movimentos sociais, com destaques para a participação política partidária, movimentos populares e outras organizações que lutam em defesa da vida e da dignidade humana.

6 – Organizamo-nos de acordo com as coordenações dos grupos, paróquias, setores ou regiões pastorais, dioceses e regionais, inseridos na Igreja Católica do Brasil e da América Latina. Assim construímos e registramos nossa história, criando unidade na diversidade.

7 – Diante de uma política desumana de manipulação dos meios de comunicação social e de uma realidade tão diversa, ousamos assumir e propor os projetos da Pastoral da Juventude do Brasil, como alternativa na construção da Civilização do Amor, sendo presença gratuita e qualificada no meio da juventude, atuando também em parceria com outras pastorais e organizações da sociedade. (Silva ,2012 p. 18-19)

Podemos afirmar que houve uma mudança no interior da PJB nos anos 90, mas como podemos perceber sua identidade continua voltada a valores que podemos facilmente ligar a TL. Neste ponto é possível perceber as diferentes abordagens que a PJB e a RCC têm referente a CF. Como citado anteriormente neste trabalho a Campanha da Fraternidade do ano de 2013, que teve como tema Fraternidade e Juventude. Possui em seus documentos e abordagens uma clara aproximação com a RCC, mas isso não impede que outros grupos tenham diferentes abordagens quando trata-se da CF.

As diferentes tendências que são encontradas no interior da IC por muitas vezes geram conflitos, apesar desses “conflitos” não serem evidentes, eles continuam presentes. Na pesquisa para este trabalho, foi possível verificar a existência de diversos blogs, páginas do *facebook*, artigos em revistas e outros meios midiáticos, que fazem alusão a esse conflito interno que acontece na IC. Neste caso a pesquisa estava passeada nos diferentes olhares que a RCC e a PJB têm enquanto a CF. Baseado nisso, pude encontrar e estabelecer as principais críticas que cada tendência faz quando referente ao outro grupo.

3.2. Crítica as abordagens da CF feitas pela RCC e PJ

A RCC é uma das principais tendências que hoje existem na IC, no Brasil é grande sua influência, portanto não é surpresa perceber que os documentos da CF trazem muito da visão deste grupo. Em contrapartida temos a PJB que critica a abordagem que vem sendo feita pelas CF, principalmente quando se tratou da CF do ano de 2013. Alguns jovens pertencentes a PJ, que deveriam se sentir representados pelo tema deste ano, fizeram duras críticas a forma que a CF foi desenvolvida. Em comentários na página oficial da Pastoral da Juventude – CNBB, sobre a escolha da imagem do manual do ano de 2013:

“O cartaz está horrível. Sejam sinceros, um verdadeiro marketing capitalista voltado para o divino, mas se esquecendo do próximo. “O cartaz não reflete a realidade do jovem que sofre diariamente com o extermínio”. “Você não pode esperar mudar a realidade da sociedade, apenas rezando e cantando, temos que botar a mão na massa”.

Percebe-se que há uma crítica a abordagem espiritual da CF, influenciada pela RCC, para membros da PJB a importância está em transformar a realidade e ela não é feita a partir da visão da RCC. De outro lado também se encontram críticas a PJB, sendo a mais discutida a sua ligação com a TL. Essa corrente que foi por muitas vezes vista como um mau no interior da IC, criticada pelo Papa João Paulo II assim como o Papa Bento XVI, continua gerando debate.

Setores da IC, como os tradicionalistas e moderadores tradicionais, não concordam com o envolvimento da PJB em campanhas políticas e nem seu engajamento com partidos. O apoio de membros da PJB na eleição da presidenta Dilma Rousseff gerou várias críticas e manifestações em mídias sociais. No blog “*Fratres in Unon.com*”(Irmãos uni-vos), um blog que aborda os mais diferentes assuntos relacionados a IC e que é voltado para setores da Igreja mais tradicionais, uma matéria intitulada “Pastoral da Juventude Revolucionária” o tema é abordado:

Para prestigiar o 11º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude, realizado em Manaus, de 11 a 25 de janeiro, o Vaticano enviou uma carta do Papa Francisco dirigida, com afeto, a Aline Ogliari e Alberto Chamorro, dirigentes da Pastoral da Juventude, agradecendo, através da carta, de

participar “deste grande e bendito encontro”, “a partilhar ‘a vida, o pão e a utopia’”. E concluiu a missiva, dizendo: “Joguem a vida por grandes ideais. Apostem em grandes ideais, em coisas grandes; não fomos escolhidos pelo Senhor para coisinhas pequenas, mas para coisas grandes!”

A mesma Aline, secretária nacional da Pastoral da Juventude, que apoiou Dilma Rousseff nas eleições de 2014 e afirmou numa carta aos jovens participantes do 11º encontro nacional que “vários movimentos juvenis foram agentes fundamentais na reeleição da presidenta Dilma, porque acreditaram que o projeto político vencedor representava de forma mais clara a linha de avanços nos campos sociais e na garantia dos direitos, e **o projeto popular em curso na América Latina**.”(...)

Foi à jovem Aline, revolucionária, eleitora do PT e de Dilma, que atua pela reforma política que favorece o projeto bolivariano da Pátria Grande, que o Vaticano escreveu, com toda a estima, estendendo o elogio aos jovens revolucionários da PJ: “tenho muita esperança em vocês que dão testemunho com as suas vidas desse Cristo libertador”.

PS: *Quem será o ghost writer de Bergoglio ou quem teria escrito essa carta que Francisco assina?* (Nery, 2016)

A aproximação da PJB com partidos políticos não agrada, principalmente com aqueles ditos de esquerda e que teriam aproximação com a TL. A IC tem uma relação conturbada há muitos anos, apesar de haver uma reaproximação com essa corrente de pensamento através do Papa Francisco. Ainda é um tema que gera muitas controvérsias, principalmente quando falamos de um setor mais tradicional da IC. Apesar da RCC não fazer parte do setor tradicionalista existe uma “rixa”, mesmo que muitas vezes não verbalizada entre essas tendências.

A PJB que tem projetos que visam uma atuação mais direta de atendimento ao desfavorecido e uma centralidade do jovem, possuem estratégias que se aproximam mais do” político-social”. Os projetos que hoje estão em andamento são:

- A Juventude quer viver: O nome desse projeto já é uma afirmação daquilo que ele busca. Lutar pela vida das juventudes é comprometer-se com o convite de Jesus à vida plena. Na Civilização do Amor não pode haver morte, preconceito, dor e extermínio. A “Campanha Nacional contra a Violência e Extermínio de Jovens” é uma das ações assumidas e dinamizadas pelo A Juventude quer viver. De forma prática, ele busca posicionar-se publicamente sobre temas que afetam diretamente a vida da

juventude, como também construir estratégias de participação e intervenção política nos diversos setores sociais organizados (governamentais e não governamentais), buscando mobilizar a juventude pela garantia de direitos.

- Caminhos de esperança: Acompanhar os jovens e os grupos sempre foi uma prioridade na ação da PJ. Busca-se, assim, a valorização do processo de formação integral, bem como a garantia de propiciar a vivência da caminhada aos jovens e adultos que já passaram por seus grupos e por outras etapas. O “Caminhos de Esperança” tem como principal objetivo potencializar as iniciativas de formação de lideranças e assessores em todo o Brasil, respondendo às demandas que hoje se apresentam na formação, acompanhamento, assessoria, nucleação e coordenação dentro da PJ.
- Mística e construção: A vivência comunitária e de grupo constitui o ponto chave do processo de formação integral dos jovens. Nesse contexto, a PJ propicia o conhecimento e o seguimento de Jesus por meio de uma mística balizada no compromisso com a vida dos jovens e do povo, que ajudem a despertar o desejo da construção de uma Igreja que seja sinal do Reino de Deus, a Civilização do Amor. O projeto resgata esse sentido para a caminhada procurando dar respostas aos desafios contemporâneos, que favorecem experiências individualistas no encontro com o divino. Para viver a integralidade da experiência com Deus, que passa pela vida em grupo e pelo rezar coletivo, o “Mística e Construção” utiliza diversos elementos da música, da arte, da cultura popular e, claro, dos símbolos e instrumentos que fazem parte da história da PJ: o Ofício Divino da Juventude, a Leitura Orante da Palavra e tantas outras formas de rezar e viver a mística no fazer pastoral
- Tecendo relações: O Projeto Tecendo Relações tem como objetivo colaborar na construção da identidade de jovens que desejam aprofundar as temáticas da sexualidade, afetividade, diversidade, corporeidade e gênero, contribuindo, assim, para a defesa da dignidade da pessoa humana e para a construção de relações mais respeitadas, amorosas, igualitárias, dialógicas e horizontais.
- Teias de comunicação: A tarefa de comunicar é essencial na ação evangelizadora. Aliás, evangelizar quer dizer anunciar. A boa-nova parte também e de forma preferencial pelas juventudes. Os jovens dominam novas formas de comunicar e transmitir suas ideias. É assim também na PJ. O “Teias da Comunicação” busca articular uma grande rede de comunicadores empenhados no anúncio da Civilização do Amor, bem como no uso de variados instrumentos para garantir a organização das

ações pastorais, além da visibilidade de nossos trabalhos, sempre contando com parcerias na Igreja e na sociedade. (Pastoral da Juventude, 2016)

Sendo assim fica, claro que a PJB se afasta do modo de atuação da RCC. Não se nega que elas tenham pontos de confluência, as duas tem como prioridade o pobre, mas suas atuações divergem. A Igreja vem tentando trazer o jovem para a Igreja, como já foi citado neste trabalho, essas duas tendências (PJ e RCC) abarcam entre elas diferentes visões desse grupo. Pode-se acreditar que esse “conflito” influência na falta de unidade na IC, mas se olharmos pelo lado “democrático”, a discussão que se traz, através da divergência de opiniões pode fazer com que a Igreja ganhe a atenção do jovem. Está faixa etária que está cada vez mais ganhando espaço e influência na atual sociedade.

Quando se oferece uma oportunidade de seguir diferentes modelos de pensamento, cria-se a oportunidade para que o jovem possa se adequar a esses projetos de ação oferecidos pela RCC e a PJB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho foram abordados os diferentes significados que dois importantes grupos da IC dão para as Campanhas da Fraternidade, em específico a CF do ano de 2013. A RCC e a PJ (que tem uma forte ligação com a TL) seguem caminhos diferentes para atingir seus objetivos, mas tem em comum seu nascimento. Essas duas tendências surgem da preocupação da IC em se renovar, tema discutido no II Concílio do Vaticano. Este que foi um importante momento de virada para a Igreja, e dele surgiram essas duas tendências que foram e são importantes até os dias atuais.

Discutindo ao longo dos capítulos desse trabalho percebemos as diferenças entre as tendências a TL com sua premissa da opção preferencial pelos pobres possui uma descrição mais prática, uma lógica de ação concreta, profética e propulsora. Seu envolvimento não é somente espiritual, vê nas ciências humanas e na política um caminho para o melhoramento da vida do pobre. A RCC também faz sua opção pelo pobre, mas o caminho seguido é diferente do seguido pela TL. RCC oferece a proposta de lidar com o lado espiritual do fiel, oferecer a ela o "Espírito Santo", uma forma de contato com Deus mais individual. Essas duas formas de abordagem fazem com que as Campanhas da Fraternidade sejam entendidas de jeitos diferentes por esses dois grupos.

As Campanhas da Fraternidade que nascem com o intuito de despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto, são interpretadas de formas diferentes. A CF do ano de 2013 é um exemplo dessa diferença de olhares, para os membros da PJ, que seguem preceitos da TL, a CF do ano de 2013 não representa a realidade da juventude, não consegue abarcar os problemas que hoje a juventude passa e muito menos tem um ação prática e real. Por outro lado, temos a RCC, um dos grupos com maior influência hoje na Igreja, e que tem no texto oficial da CF várias representações de seu modo de encarar a IC.

Tanto a PJ como a RCC fazem sua “propaganda” baseados em objetivos comuns, os dois grupos apresentam a importância do jovem na Igreja e como ele é uma força transformadora e necessária, mas seus conflitos residem na forma que o jovem vai ser aconselhado no interior desses grupos. Para PJ ele deve participar dos grupos, pode e deve ter seu lado espiritual explorado e ter contato com orações, cantos e temas comuns dentro da Igreja, mas também precisa ter uma preocupação sócio-política e um olhar crítico desenvolvido pelo grupo. A RCC prefere trabalhar com seu lado espiritual, seu contato deve ser com o Espírito

Santo para obter uma elevação e assim poder fazer seu papel de evangelização. Dessa forma as Campanhas da Fraternidade para esses dois grupos são abordadas de forma muito distinta. Para PJ, mesmo criticando a organização dos documentos oficiais, ela pode utilizar a campanha para chamar a juventude para uma luta prática, para um envolvimento social e político nos problemas que a sociedade hoje apresenta. A RCC também visa um melhoramento na sociedade e a campanha pode oferecer instrumentos para isso, mas suas mudanças partem de uma ideia em que o jovem ao se aproximar da religião, do Espírito Santo será um indivíduo mais apto e capaz de transformar a sociedade através de preceitos baseados nessa doutrina.

A religião católica no Brasil por muito tempo foi considerada um “centro organizador” (Scubla, 1998), no sagrado tradicional (Durkheim, 2000) existe uma sacralização do centro organizador externo, Deus, sociedade, natureza, etc. Uma boa representação seria a ideia do sagrado ao centro e os “eus” individuais em torno desse centro. O que se observa nos dias atuais é o deslocamento desse centro organizador. O “eu” individual passa a ser o centro e os centros organizadores gravitam ao seu redor. Isso representa uma mudança de paradigma, uma vez que a verdade das religiões sofreu uma fragmentação em muitas pequenas verdades individuais.

Quando os indivíduos passam a acreditar em suas pequenas verdades a religião passa para o segundo plano. Os atrativos para manter o interesse e a crença na religião precisam ser revistos. A RCC trabalha com isso quando oferece um contato individual com a divindade. Percebemos que não se desloca o sagrado, mas se oferece um caminho distinto, talvez o indivíduo acredite que esse contato direto com a divindade, Espírito Santo, atenda melhor o seu anseio, as suas crenças.

No caso da TL podemos pensar o deslocamento do centro organizadores na seguinte forma, em sociedades passadas os únicos centros organizadores existentes eram as religiões. Na sociedade moderna o enfraquecimento desses centros acontecesse através do nascimento de outros tipos de explicações para entender o mundo. O aperfeiçoamento da ciência a representação do Estado através da política e até as mídias contribuem para o enfraquecimento desse sagrado religioso. Essas novas representações entram em concorrência mútua e também com a religião, oferecem novos significados, entendimento do mundo para o indivíduo. A TL assim como a RCC, consegue abarcar alguns desses novos significados, como por exemplo a política. Traz para dentro dela essas novas explicações do mundo e ao mesmo tempo consegue manter a centralidade da religião.

Assim, essas duas tendências conseguem sobreviver as mudanças históricas que acontecem, “com maior força ou menor força”, continuam sendo importantes para entender a IC.

Não cabe nesse trabalho julgar qual é melhor método, muito menos fazer um julgamento de valor sobre a religião católica, apenas foi apresentado um breve panorama sobre as Campanhas da Fraternidade e as diferentes interpretações que a mesma tem nesses dois grupos. Considero que o estudo de religiões é um campo muito interessante para a sociologia, minha aproximação com a IC faz com que esse seja um tema mais confortável para um primeiro trabalho de pesquisa. Posteriormente pretendo aprofundar essa pesquisa se assim for possível, há vários pontos que não foram abordados nesse trabalho e que considero igualmente relevantes e interessantes.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo; BOFF Clovis, Como fazer teologia da libertação. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOFF, Leonardo (Org). A Teologia da Libertação Balanços e Perspectivas. São Paulo: Ática,1996.
- CAMILO, Rodrigo Augusto Leão. A Teologia da Libertação no Brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade. In: II SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2., 2011, Goiás. UFG. Goiás: Fcs, 2011. p. 1 - 7. Disponível em:
<https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Rodrigo_Augusto_Leao_Camilo.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2016.
- CARRANZA, Brenda; CAMURÇA, Marcelo, MARIZ, Cecília, (Orgs.). Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida: Ideias & Letras, 2009
- CARRANZA, Brenda. Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências. Editora Santuário: Aparecida,2000.
- DOCUMENTO DA CNBB, Diretrizes gerais da ação da Pastoral da Igreja no Brasil, nº44. São Paulo, Paulinas, 1983.
- DOCUMENTO DA CNBB, Evangelização da Juventude, desafios e perspectivas pastorais, nº85. São Paulo, Paulinas, 2007.
- DURKHEIM, É. As formas elementares da vida religiosa – O sistema totêmico na Austrália. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRAINER, Jean Davi. Primavera ou Inverno Pastoral: Uma análise sociológica das transformações na Pastoral da Juventude em Santa Catarina. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia Política, CFH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Cap. 4.
- GIBELLINI, Rosino. A Teologia no século XX. São Paulo: Loyola, 1988.
- GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v.4
- GROPPO, L. A. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. O peregrino e o convertido: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LÖWY, M. A guerra dos deuses: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SCUBLA L. Lire Lèvi – Strauss. Paris, Éditions Odile Jacob, 1998

- NERY, Hermes Rodrigues. Wadowice. São Paulo. 16 de outubro 2016. Disponível em: <https://fratresinunum.com/page/4/?s=portugal>. Acesso: 29 de junho de 2016.
- PASTORAL DA JUVENTUDE – CNBB. São Paulo. 07 de agosto 2016. Disponível em: <http://www.pj.org.br/projetos/ajuri7/>. Acesso: 29 de julho de 2016.
- PRANDI, Reginaldo. Um Sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1998.
- RATZINGER, Joseph. Lembranças da minha vida. São Paulo: Paulinas, 2007
- SILVA, Joaquim A. A.; VIEIRA, Luis D. e SILVA, Roberta A. Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer: somos Igreja jovem. Brasília: FTD, 2012.
- SUSIN, Luiz Carlos (Org.). O mar se abriu. Trinta anos de teologia na América-Latina. São Paulo: Soter; Loyola, 2000.
- WEBER M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

